

```
<div class="tumblr-post" data-  
href="https://embed.tumblr.com  
/embed/post/EU9bJHSC9Wd0J8VUS  
dQqV/166858594086" data-  
did="8a087df44658d93afb27148c5  
cab0827d358a4a8">a  
href="https://blogdojuanesteve  
s.tumblr.com/post/166858594086  
/conceitual-alberto-bitar-edu-  
-----
```

CONCEITUAL >Alberto Bitar > Edu Monteiro > Elaine Pessoa > Felipe Russo > Gilvan Barreto > Jane Paris> Marcelo Greco



© Elaine Pessoa

Se a fotografia, prestes a completar dois séculos de existência, já passou por diferentes caminhos que vão da tentativa de fixar a realidade, sua suposta atribuição primordial, aos experimentalismos gráficos mais ecléticos, com e sem sucesso (o mesmo que aconteceu na arte em geral), não há dúvidas que as experiências mais contemporâneas denotam a busca por um perfil que ora parece tecer um caráter já metódico não antagoniza com aquela de história mais formal entendida em diferentes propostas cujas vertentes continuam mais firmes do que nunca, como mostra seu constante crescimento, mas aparenta buscar novas perspectivas sobre o pensamento imagético, ainda que não se afaste das manifestações mais costumeiras, visto que, a sua base, apesar de algumas rupturas, permanece a mesma sem abdicar de um eixo estruturador comum.

Também, nestes anos todos- um tempo infimo, se compararmos à arte da pintura ou escultura - notamos na produção sistemática dos fotógrafos a construção e desconstrução de ideias que funcionam e outras que não: a necessária bagagem intelectual e criativa dos autores para dar certo ou a emulação de pseudos processos, quase sempre destinados ao fracasso. As rupturas dos arquétipos surgiram de procedimentos áridos, atribuições de fotógrafos que se dedicam a uma intensa produção e cujo vocabulário se estende além dos parâmetros mais prosaicos. Certo também, que isto não é um privilégio do momento atual, como bem mostra a história do meio.



© Felipe Russo

Uma vez que a produção conceitual é um amálgama de várias tendências em oposição a um movimento apenas coeso, é possível constatar, através de muitas publicações, sua peculiaridade efêmera, o que vai além das balizas técnicas para sua compreensão, sentido e rejeição aos padrões da arte estabelecida, ou simplesmente a esperada articulação de ideias.

Redefinir a arte fotográfica, significa não somente entender os parâmetros mas ultrapassar os limites destes. Ir além do abandono da beleza e do inusitado e as vezes deixando de lado elementos tradicionais para se chegar ao que entendemos por desmaterialização. Chegar ao mínimo absoluto, entretanto sem descartar uma atitude generosa para com o entendimento do leitor - como bem disse o inglês **Simon Baker**, curador de fotografia da Tate London- é mais do que necessário.

Aqui uma pequena seleção de algumas publicações recentes, e outras nem tanto, que carregam possibilidades mais efetivas na formatação mais conceitual da fotografia brasileira produzidas em diferentes polos como São Paulo, Minas Gerais, Pará, Rio de Janeiro e Pernambuco. Esta produção que ora parece tecer um caráter já metódico não antagoniza com aquela de história mais formal entendida em diferentes propostas cujas vertentes continuam mais firmes do que nunca, como mostra seu constante crescimento, mas aparenta buscar novas perspectivas sobre o pensamento imagético, ainda que não se afaste das manifestações mais costumeiras, visto que, a sua base, apesar de algumas rupturas, permanece a mesma sem abdicar de um eixo estruturador comum.

Em meio as crescentes publicações, caracterizadas por boas tiragens, cujas articulações e formatos variam amplamente, se notam as decorrentes dos prêmios e bolsas; um tanto de menor tamanho advindo de editoras já estabelecidas, caindo a responsabilidade para as casas menores onde o trabalho mais artesanal entre autor e editor costuma ser mais próximo e principalmente aquelas viabilizadas pelo próprio autor.



© Elaine Pessoa

Paysages (Fotó Editorial- La Conserverie, França 2017) tem como autora a paulista **Elaine Pessoa** que, como em seus livros anteriores **Tempo Arenoso (Olhavé, 2015)** e **Nimbus (Fotó Editorial, 2016)**, trabalha com fragmentos de imagens de sua existência. Ou como ela mesma diz, naquilo que ela pode extrair delas: "Ao ampliar e criar uma possibilidade, eu tropeço na falha da fotografia." Suas paisagens aqui, como explica a pesquisadora paulista **Fabiana Bruno**, organizadora da edição, fazem parte de um arquivo de fotografias imaginadas. Também podem ser entendidas como lindas de uma "pequena coleção de paisagens-sonho" seu subtítulo.

Com raras inserções humanas na paisagem, que acontecem na sobreposição de pequenas fotografias picotadas como antigamente, em sua metalinguagem não nos permite o reconhecimento exato do conteúdo (assim como se pode ver no livro Saturno, logo abaixo comentado) e traz o paradoxo para o espaço das digressões mais contemporâneas mas com o feliz paradoxo da realização de imagens pictóricas que nos remetem aos eventos seminais do meio fotográfico. Para o curador paulista **Eder Chiodetto**, publisher do livro, Paysages compõe uma trilogia (com os dois livros aqui mencionados) uma investigação na tradição da representação deste tema. Um confronto entre a natureza do mundo e a natureza da fotografia.

[**veja reviews sobre livros de Elaine Pessoa em** <http://blogdojuanesteves.tumblr.com/post/152113627291/nimbus-elaine-pessoa> - <http://blogdojuanesteves.tumblr.com/post/120267668376/tempo-arenoso-elaine-pessoa>]
> [<https://www.fotoeditorial.com/produto/paysages/>] [Impressão Gráfica Ipsis]



© Felipe Russo

Centro (Edição do autor, 2014) do paulista **Felipe Russo** traz o consistente percurso do fotógrafo em seu andar sistemático pela capital paulistana na captura de uma arquitetura que adquire contornos ontológicos em seu espaço vazio. O livro feito a partir de sua tese de mestrado realizada na Hartford Art School, universidade americana na cidade de mesmo nome, é fruto de capturas em negativos de grande formato e de um olhar arguto onde se manifesta a busca por uma redução ao estado topográfico da paisagem. Imagens que descartam aspectos de emoção e opinião, mas que transmitem informações visuais substanciais, que nos fazem lembrar das observações do curador americano **William Jenkins** em sua antológica mostra *New Topographics: Photographs of a Man-Altered Landscape* de 1975, na George Eastman House em Rochester, NY.

A proposta do livro, conta o fotógrafo, foi buscar uma experiência inversa ao espaço (caótico) da cidade. Seus elementos são o silêncio, o vazio e a possibilidade de um olhar calmo sobre esta paisagem. Empreendendo seu caminho enquanto a cidade ainda não estava totalmente desperta, o fotógrafo trouxe habilmente, através das cores bege, ocre, branco e cinza, o que ele caracteriza como "sono permanente" na cidade. [link para compra <http://www.feliperusso.com/index.php/livros/centro/>] [Impressão Gráfica Ipsis]

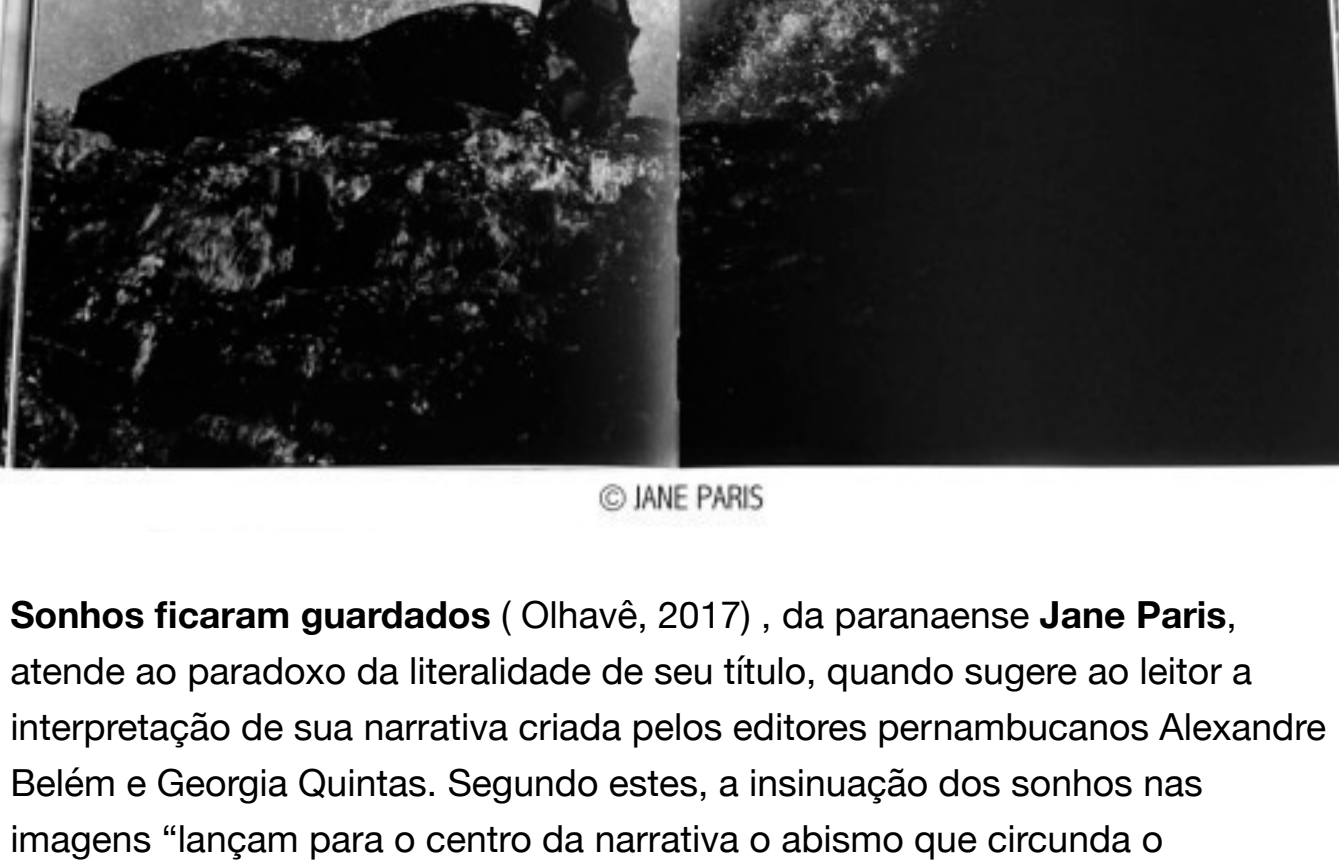


© Marcelo Greco

Sombras Secas (Schoeller Editions, 2015) do paulistano **Marcelo Greco**, trafega por certos tons dramáticos em branco e preto e por um percurso urbano de rara aparência humana explícita no cenário composto por uma arquitetura desgastada aparentemente pelo tempo e pela destruição sistemática peculiar as grandes capitais. Com uma captura gerada por película e granulação exarcebada, podemos pensar, desconhecendo seu objetivo, no sugestão de uma certa nostalgia amparada por uma melancólica sensação de fragmentos de beleza.

Diógenes Moura, escritor pernambucano alerta o leitor que as tais "sombras secas" são uma segunda pele da cidade, certos resquícios de humanidades. De fato, ainda que não possamos ver, os edifícios, passagens de ruas, túneis, ônibus, parques e estacionamentos de Marcelo Greco revelam transeuntes invisíveis, que ao contrário do livro anterior, circulam por uma cidade adormecida ainda em sua escuridão. Sem buscar a beleza convencional desse espaço urbano é nos seus contornos soçobrados que a sua poética se torna iminente .

<https://www.origemphotobooks.com/product-page/marcelo-greco-sombras-secas> - edição especial com um print pode ser adquirida diretamente com o autor através do mail foto@marcelogreco.com] [Impressão Gráfica Rush]



© JANE PARIS

Sonhos ficaram guardados (Olhavé, 2017), da paranaense **Jane Paris**, atende ao paradoxo da literalidade de seu título, quando sugere ao leitor a interpretação de sua narrativa criada pelos editores pernambucanos Alexandre Belém e Georgina Quintas. Segundo estes, a insinuação dos sonhos nas imagens "lançam para o centro da narrativa o abismo que circunda o inconsciente de todos nós."

Uma sucessão de paisagens desoladas, não localizadas no livro, se contrapõem a detalhes de interiores, igualmente desamparados, uma bota, uma sandália, animais, sombras humanas. A passagem da vida se limita aos vestígios deixados pela autora e uma única imagem onde uma mulher aparentemente se encontra diante de um abismo a beira do mar. A dramaticidade de um preto e branco, como no livro anterior, reforça a forma ontológica. [<http://loja.olhave.com.br/pd-4bf0c1-sonhos-ficaram-guardados.html?ct=&p=1&s=1>] [Impressão Gráfica Ipsis]



© Edu Monteiro

Saturno (Azougue Editorial, 2014) do gaúcho **Edu Monteiro** é também fruto de uma longa pesquisa e se debruça em alegorias, onde o próprio fotógrafo, irreconhecível, participa. Composto por 3 capítulos: Neblina cega, Olho de cão e Farol da solidão que fazem uma analogia astronômica ao planeta de mesmo nome e, por conseguinte, a mitologia relativa aos festejos conhecidos como "santimálias" além da remissão à teoria hipocrática, segundo a qual a vida seria mantida pelo equilíbrio dos 4 humores.

A psicanalista brasileira **Tania Rivera**, que articula o conceito do livro em parceria com Monteiro, alerta que o mundo tornado imagem é imediatamente perdido. Por isso a fotografia carrega certa melancolia: a imagem é sempre passada. Para ela, "Saturno é uma destas viagens do retorno, da perda, mas é também o itinerário de transformação do mundo." A publicação é um percurso afetivo do autor ambientado em suas passagens geográficas entre o Rio Grande do Sul e o Rio de Janeiro onde se radicou. O que de certa forma nos remete, ainda que graficamente muito diverso, as "paysages" do primeiro livro aqui comentado. [<http://www.edumonteiro.com/books>] [Impressão Ipsis]



© Gilvan Barreto

Sutura (Edição do autor, 2016) do pernambucano radicado no Rio de Janeiro **Gilvan Barreto**, assim como seu livros anteriores **O livro do Sol (Tempo d'Imagem, 2013)** e **Sobremarinhos (Edição do autor, 2015)** [**já comentários aqui em** <http://blogdojuanesteves.tumblr.com/post/119625922296/sobremarinhos-gilvan-barreto>] [<http://blogdojuanesteves.tumblr.com/post/119622892656/o-livro-do-sol-mas-naquele-onda-a-ficção-se-confunde-com-a-realidade>, ambas fruto da imaginação do seu autor onde a mesma acumula experiências subjetiva, fruto de suas afetividades e aquelas mais objetivas como a leitura de um clássico romance em contrapartida a imagens criadas por diversos fragmentos recolhidos pelo percurso do fotógrafo. São ilustrados ora pela presença humana, ora por paisagens e também por stills onde predomina a tipologia, em assemblages gentilmente pictóricas.

A proximidade com alguns livros anteriores não é mero acaso. Aqui o curador é o publisher **Eder Chiodetto** e o tratamento das imagens é de Edu Monteiro. Na capa da delicada e pequena edição, as tais suturas, produzidas artesanalmente uma a uma pela designer russa Ekaterina Kholmogorova, que traz o tato para a experiência sensorial. É, como acerta o curador em seu texto, uma costura interior, "fotografia dos olhos para dentro" da onde emergem os códigos universais advindos de densos embates.

<http://www.gilvanbarreto.com/books> [impresso pela Gráfica Pritcrom]



© Alberto Bitar

Sobre o vazio (Kamara kó, 2017) do parense **Alberto Bitar** se concentra em uma arquitetura interior em sua literalidade e subjetividade. Memorialista também, como os demais livros aqui comentados, da prosseguimento a série "Todo Vazio", imagens do apartamento em que viveu por mais de 2 décadas com a família e a série "Qualquer vazio", as lembranças de anônimos, registrados em quartos de hotéis recém-abandonados por seus hóspedes. Tratamos aqui da passagem do tempo, aquela não explícita em marcas físicas perenes, mas permanentes na cartografia pessoal e afetiva do fotógrafo.

Alberto Bitar conta "sobre distâncias e incômodos e alguma tristeza" o deixar para atrás lugares repletos de lembranças e segredos, reações intrínsecas a fotografia que carrega consigo a dicotomia eterna do passado e futuro, personagens que já estiveram na paisagem anterior e - na possibilidade que a imaginação do fotógrafo propõe projetar - os que um dia virão, bem como o esforço para que essa transição seja vista, analisada e compreendida, desprendida de raciocínios lógicos e matemáticos que se concentram nas propriedades simbólicas da matéria. Como escreve a curadora e historiadora carioca, radicada em Belém, **Marisa Morkazel**, as imagens que vem de um universo íntimo "um labirinto que faz e refaz histórias."

http://kamarakogaleria.com.br/?page_id=18 (impressão Grafica Palotti)